

09-02-2021

ARTE DO MAL (I)

FASCISMO E A PATENTE DO AÇAÍ

Chiwane Medeiros Leite

[Bacharel em Comunicação Social]

Acompanhando nos últimos anos, nas redes sociais, a escalada de comportamentos de caráter fascista que, inclusive, sustentaram a eleição de Bolsonaro e sustentam o atual governo, comecei a me fazer algumas perguntas.

No fundo eu sabia que eles (os fascistas) não surgiram de repente. Eles apenas estavam, digamos, escondidos no armário. “A ocasião faz o ladrão”, diz o provérbio.

Lembrando-me do filme *Arquitetura da Destruição*, de Peter Cohen, que fala sobre a estética nazista de purificação, ‘higienização’ e extermínio do que não fosse a “pura raça ariana”, associada a uma estética militar que destruísse qualquer resquício de impureza, fui averiguar que tipo de arte do mal esculpe um ser humano para que se torne, no momento oportuno, um fascista. Sutis diferenças entre fascismo e nazismo não são suficientes para separá-los. Por ora, manifestações nazistas nas redes (ainda) incipientes e (aparentemente) mais vigiadas são a mais pura (e ainda tolerada) expressão do fascismo. Sabendo que a arte escultural da infância, da adolescência e mesmo da vida adulta é resultado de uma série infundável de fatores - familiares, econômicos, culturais, religiosos, sociais e políticos - fui buscar elementos para entender como foram esculpidos os fascistas das redes sociais. Para seguirem o meu raciocínio sigam minhas premissas e meu roteiro: todo fascista adulto, ativo e militante das redes sociais já foi um bebê, uma criança, um adolescente e, finalmente, um adulto. A esculturação de sua personalidade fascista fora do armário foi feita com vários materiais - aqueles citados - da mesma forma como se faz uma escultura - uma das artes mais antigas da humanidade-. Mas, primeiro é preciso definir o que é fascismo. Para isso utilizei várias fontes que não relacionei para não cansá-los e por não ser especialista. Ideologia política, nacionalista, autoritária e ditatorial, o fascismo se caracteriza por repressão violenta da oposição política e da imprensa não alinhada, e pela cooptação social de grupos específicos e de grupos econômicos poderosos.

É contrário e repressor de eleições democráticas, liberdade política, cultural, aliada das elites, e subordina o povo como massa de manobra dócil. Seu(s) líder(es), populista(s) utiliza(m) símbolos morais e dos costumes, ligados à religião, à família, à prosperidade, à propriedade, à tradição escravista racial e à subordinação da mulher como elemento reprodutor biológico e social, obediente à ordem masculina do poder. Fascismo é essencialmente masculino.

Representa, com o nazismo, o que se chama de extrema-direita na ordem política. Seu auge como ideologia dominante é o totalitarismo de partido único ou dominante sobre partidos obedientes e disciplinados (Centrão, no caso brasileiro), liderados por um ditador apoiado (ou exercido) por militares. Suas expressões comuns são ditadura, autoritarismo, totalitarismo e tirania. O protótipo fascista de Benito Mussolini da Itália dos anos iniciais do século XX é exemplar, mas é preciso adaptá-lo às novas relações sociais da atualidade, 100 anos depois. Tomando o Brasil de Bolsonaro vemos que todas as características estão presentes, embora não tenham (ainda) se consumado em sua totalidade. Mas, temos elementos para dizer que seus correligionários defendem integralmente a pauta fascista.

Outra característica do fascismo, a “cidadania militarista”, mesmo fora do estado de guerra, como é o caso do Brasil, é a cooptação de “cidadãos de bem” - homens brancos ou negros “branquejados” (que questionam o racismo estrutural, como temos exemplo em órgãos do governo), religiosos, preferencialmente evangélicos, conservadores e “defensores” da família, contra os direitos humanos de mulheres e de pessoas LGBTQIA+, milicianos “defensores” das comunidades faveladas, caminhoneiros, jovens de escolas militares e de todas as forças de defesa do Estado, além das próprias Forças Armadas - polícias civil, militar, guardas e bombeiros militares -. Defendem que “cidadãos de bem” (escolhidos pelo governo) tenham acesso irrestrito a armas de fogo, para eventual defesa da pátria (fascista). Outro exemplo é a criação de escolas públicas militarizadas (projeto bolsonarista em curso), cuja obediência irrestrita à autoridade é o seu objetivo. Na origem, a palavra fascismo vem do simbólico feixe de varas em torno de um machado (*fascio* em latim/italiano) que Mussolini adotou como sua marca. Já Bolsonaro adotou o símbolo da ‘arminha’ - os dedos em formato de revólver, largamente usados na campanha, inclusive por crianças em seu colo -.

Uma das adaptações “modernas” do fascismo é a adesão ao liberalismo e ao neo-liberalismo. Embora seja contraditório com sua natureza antiliberal, o fascismo pós-moderno, principalmente após a era sangrenta de Pinochet no Chile, como laboratório dos *Chicago’s Boys*, adotou-o como trampolim cooptador de setores econômicos poderosos, monopolistas, eventualmente corruptos, fisiológicos, ultraliberais anti-direitos trabalhistas, previdenciários e ambientais. Guedes, um dos *boys* de Chicago, que foi “aluno” dessa escola pinochetiana é o exemplo típico de Posto Ipiranga avançado para colocar combustível nesses setores, até acabar sua serventia e o combustível...

A natureza antiliberal do fascismo é retomada, à medida que o projeto se consolida e a ocupação do Estado é estratégica para sua consolidação. Fascismo é também isso: além do anticomunismo radical e estigmatizador (quem não é fascista é comunista), tem como hábito trair suas agendas eleitorais sedutoras para públicos mais “ingênuos”.

continua

<p>Outra adaptação “moderna” do fascismo, especialmente no Brasil, é a incorporação de igrejas fundamentalistas (principalmente evangélicas neopentecostais, mas também setores católicos e eventualmente judaicos) na sua governança, delegando a esses setores a chamada pauta dos costumes, com destituição da cultura não religiosa afim e o ataque sistemático aos direitos humanos tidos como heréticos (liberdade e autonomia da mulher, homoafetividade, manifestações artísticas e intelectuais livres e “subversivas”, religiões indígenas e afrodescendentes etc...). Para o fascismo moderno à brasileira essa associação é fundamental, pela pauta coincidente, mas, principalmente pelo tamanho do rebanho - milhões de brasileiros - obediente, disciplinado, pouco informado e persistente. Os movimentos sociais que defendem os direitos humanos são demonizados e é comum a utilização de bodes expiatórios para a reafirmação da liderança e impedimento de desvios do discurso hegemônico do governo. Vimos isso com os ministros Mandetta, Teich e Moro, entre outros casos no atual governo. A expressão MITO também não é casual, faz parte da retórica fascista e é bem utilizada no Brasil.</p>	<p>Também não é casual e nem tão moderna a mentira (atuais fake-news) e o negacionismo (teorias conservadoras de origem racial, étnica, evolucionista e científica). Tampouco é novidade a manutenção da concentração da riqueza, a diminuição de impostos para os ricos e redução salarial dos trabalhadores, vistas na era mussolinista e agora com o comportamento fascista de Trump e as reformas trabalhista e previdenciária brasileiras. O cardápio fascista se modifica pouco, apenas acrescenta novas modalidades de paladar. Nunca é demais ressaltar que o fascismo não é uma invenção de Mussolini ou Hitler. A mistura ideológica que dá a tônica do seu cardápio esteve presente desde as primeiras formas de organização social humana. O que Mussolini fez foi patentear a marca, assim como uma empresa japonesa, em 2003, fez com o nosso açaí. E foi um perrengue pra derrubar a patente... Também não é uma questão histórica do ocidente, é um flagelo ideológico planetário que, como um vírus maligno aparece aqui e acolá de tempos em tempos, por razões que eu estou tentando entender: como se esculpe um fascista? Continuo no próximo capítulo... ...</p> <p style="text-align: right;">(texto enviado em 26/01/2021)</p>
<p><i>OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.</i></p>	